



HUMANITAS
HODIE 2021
Vol. 4, n.º. 2

RECIBIDO: 22 DE SEPTIEMBRE DE 2021

APROBADO: 29 DE OCTUBRE DE 2021

ABÍLIO DE NEQUETE E SUA ATUAÇÃO COMO LIDERANÇA POLÍTICA DURANTE A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO COMUNISTA BRASILEIRO (1917 - 1924)

Frederico Duarte Bartz¹

RESUMO:

Esse artigo aborda a atuação de Abílio de Nequete como liderança no movimento comunista brasileiro entre os anos de 1917 e 1924. Nequete era um imigrante libanês que trabalhava como barbeiro na cidade de Porto Alegre, que se tornou uma figura importante no movimento operário durante a Greve Geral de 1917 e foi o fundador da União Maximalista no ano de 1918, um dos primeiros grupos operários do Brasil identificados com as ideias da Revolução Russa. Após o ano de 1920, o militante se articulou com a Internacional Comunista a partir de contatos na Argentina e no Uruguai, sendo um dos responsáveis pela formação do Partido Comunista do Brasil em 1922. Sua permanência como Secretário Geral do PCB foi rápida, rompendo com o partido por conta de uma série de conflitos internos em 1924. O objetivo desse texto é analisar a trajetória de Nequete como liderança maximalista e comunista em um período formativo dessa corrente política, compreendendo especificidades e contradições de uma fase de definições do que era ser comunista no Brasil.

Palavras-Chave: Comunismo, maximalismo, movimento operário, militância, União Maximalista, Partido Comunista do Brasil.

1 Mestre e Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como Técnico em Assuntos Educacionais na mesma universidade. frederico.duartebartz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Abílio de Nequete foi um dos primeiros líderes do movimento comunista brasileiro; sua trajetória foi relativamente breve, com atuação entre os anos de 1917 e 1924, mas pode-se dizer que o militante teve um papel fundamental em algumas das primeiras organizações comunistas do país, como a União Maximalista de Porto Alegre e o Partido Comunista do Brasil. A historiografia que se debruçou sobre a história do PCB deu pouca atenção à figura de Nequete, entre outras coisas por conta de particularidades de suas concepções filosóficas e religiosas, já que o militante se definia como um livre-pensador e seguia o espiritismo, mas também porque a origem da sua militância não estava vinculada ao centro político e econômico do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), mas à cidade de Porto Alegre. Além disso, sua passagem conturbada pela Capital Federal (Rio de Janeiro) durante a fundação do PCB, onde angariou antipatia de outros militantes, não ajudou na construção posterior de sua biografia. Octávio Brandão, seu colega de partido, escreveu posteriormente que ele em nada havia contribuído para as lutas operárias em sua cidade de origem (Brandão, 1978, p.243); essa perspectiva levou autores como John Foster Dulles, em seu clássico estudo sobre a atuação dos anarquistas e os comunistas no Brasil, a descrever Nequete como uma figura ingênua e pouco realista, diminuindo seu papel efetivo como liderança política no período (Dulles, 1977, p.149).

A partir dos anos 2000, a trajetória de Nequete passou a ter mais destaque com o aprofundamento dos estudos sobre o movimento operário e devido ao acesso de novas fontes de pesquisa. Sílvia Petersen em seu livro sobre o movimento operário gaúcho, *“Que a União Operária Seja Nossa Pátria”*, aborda em um subcapítulo o papel de Nequete como organizador da corrente maximalista (Petersen, 2001, p.352-356) e Dainis Karepovs, em sua tese sobre o Bloco Operário e Camponês, abordou as ações do dirigente no contexto de fundação do PCB (Karepovs, 2001, p.16-47).

Posteriormente, desenvolvi minha dissertação de mestrado sobre o impacto da Revolução Russa no movimento operário gaúcho (Bartz, 2008) e minha tese de doutorado sobre as ideias revolucionárias e os projetos políticos no movimento operário brasileiro (Bartz, 2014), procurando destacar em ambos estudos o papel de Abílio de Nequete como liderança operária no período das grandes greves e na formação do PCB. Em 2017, o militante apareceu novamente como um dos principais personagens da tese defendida por Eduard Esteban Moreno Trujillo, *Contextos Distantes, Ideas Compartidas*, em que o autor realiza um estudo sobre apropriação de ideias de esquerda no Brasil e na Colômbia (Trujillo, 2017). Além dos estudos acadêmicos, também deve ser registrada a publicação de um livro de memórias chamado *Herança da Luta de Abílio de Nequete*, por parte de seu filho, Edison Nequete (Nequete, 2008).

Como parte desse esforço por registrar e resgatar a história desse importante líder operário, escrevi também um artigo intitulado *Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma trajetória operária*, em que fiz um breve estudo biográfico do militante (Bartz, 2008). Partindo desse primeiro artigo, decidi ampliar o estudo de sua trajetória focando o período em que Nequete atuou como liderança de um movimento comunista em surgimento, privilegiando seu papel político como organizador e articulador. Apesar da fundação da União Maximalista de Porto Alegre ter se dado em novembro de 1918, já em dezembro de 1917 ele tentou articular um Grupo de Operários e Soldados Brasileiros, inspirados em alguns pressupostos da Revolução Russa, o que entendo ser o ponto inicial dessa trajetória como organizador; a data final, 1924, marca o seu afastamento definitivo do movimento comunista.

Para a feitura desse artigo, pesquisei registros que fazem referência ao seu Caderno de Memórias, escrito em 1942, o qual não tive acesso e cujas informações foram difundidas a partir de pesquisadoras como Irene Haas Rosito e Silvia Petersen, que o consultaram e registraram parte de seu conteúdo (Rosito, 1972 e Petersen, s/d). Para além disso, e como material principal para a escrita do artigo, consultei panfletos e textos de jornais escritos por Nequete, seu depoimento em um Inquérito Policial Militar, sua correspondência com a Internacional Comunista e registros posteriores publicados pelo próprio Nequete. Em termos bibliográficos, consultei um repertório de pesquisas e publicações cuja temática é o movimento operário no Rio Grande do Sul, assim como o período inicial da formação das organizações comunistas no Brasil².

Esse artigo é um estudo biográfico parcial da trajetória de Abílio de Nequete, tendo como fio condutor sua atuação como liderança do movimento operário. Por essa razão o estudo abarca o período em que ele se aproximou das ideias bolchevistas e dispendeu esforços na construção das organizações maximalistas e comunistas, entre 1917 e 1924. Dessa forma, procurando compreender seus vínculos, alianças e rivalidades de forma mais densa em um intervalo de tempo mais curto, pretendo oferecer um panorama mais completo de sua atuação enquanto liderança política de um movimento comunista em formação.

2 Temas como o movimento operário e o movimento comunista no Brasil e no Rio Grande do Sul tiveram uma produção significativa na área da história entre o final dos anos 1970 e os anos 1990; nas últimas décadas ocorreu uma diminuição no número dessas pesquisas, embora tenha se verificado um retorno do interesse nessas temáticas em anos mais recentes. Isso justifica minha escolha por uma bibliografia que abarca estudos não apenas recentes, mas contempla uma produção localizada em um espectro mais amplo de tempo.

ABÍLIO DE NEQUETE E SUA TRAJETÓRIA ANTES DE 1917

Abílio de Nequete nasceu na aldeia de Fih, na região de El Khoura, em 15 de fevereiro de 1888. Seu nome originalmente era Obdo Nakat, mudando para Abílio de Nequete depois de ter imigrado para o Brasil no ano de 1903. Ele decidiu imigrar para encontrar seu pai, Miguel Nakat, que havia feito o mesmo percurso alguns anos antes. Poucas informações chegaram até nós sobre a vida de Nequete no Líbano. Apesar de pertencer a uma família modesta, figuravam no tronco familiar dos Nakat alguns revolucionários, já que esta família era ortodoxa e várias vezes entrou em choque com os muçulmanos que dominavam politicamente a Síria e o Líbano, naquela época parte do Império Otomano (Rosito, 1972, p.2). A origem libanesa e o pertencimento à comunidade ortodoxa grega foram fatores muito importantes em sua formação política, tendo marcado escolhas e afinidades posteriores. Também é importante ressaltar que ao chegar ao Estado ele encontrou uma comunidade que tinha uma presença importante nos principais centros urbanos, o que deve ter ajudado em sua socialização e na formação de sua identidade (Nequete, 2008; Francisco, 2017a e Francisco, 2017b).

Em Rio Grande, seu porto de chegada, Nequete tomou contato com a comunidade árabe local e com as informações que obteve se dirigiu para São Feliciano (atual cidade de Dom Feliciano), distrito de Encruzilhada do Sul. Nessa cidade, Abílio de Nequete conheceu o professor poliglota checo František Vladmir Lorenz (Francisco Valdomiro Lorentz). Com esse professor, também imigrante, nascido em Zbislav na Boemia (Consulado Geral da República Tcheca em São Paulo, 2019), o recém-chegado vai estabelecer uma duradoura amizade. Nequete foi presenteado com uma bíblia em português, o que vai ajudá-lo a aprender o novo idioma por comparação, já que o jovem imigrante havia trazido do Líbano uma bíblia em árabe. Lorentz também introduzirá Abílio de Nequete nos debates filosóficos e no espiritismo, doutrina que vai marcar profundamente sua história.

Neste primeiro momento Abílio trabalhou como mascate junto de seu pai, Miguel Nequete, com quem tinha uma relação bastante difícil; sobre essa relação conflituosa, em seus Cadernos de Memórias, ele indicou também que ao chegar ao Brasil aderiu ao Partido Republicano Riograndense, apesar de seu pai ser federalista (Petersen, s/d, p. 2). Aos 17 ou 18 anos (1907 ou 1908, portanto) se estabeleceu em Porto Alegre, como barbeiro na Rua dos Andradas, n.609 (atualmente n.1815), esquina da Rua Senhor dos Passos³. A mudança para a capital do Estado, principal

3 Este é o endereço mais antigo que temos, tanto nos informes sobre a Greve de 1917, quanto no Inquérito Policial Militar movido contra Nequete em dezembro daquele ano. Inquérito Policial

centro urbano e industrial do Rio Grande do Sul, propiciou à Nequete o contato com novos meios de informação e sociabilidade, entre esses, o movimento operário, já que os sindicatos de resistência e outras formas de organização proletária eram muito mais presentes em sua nova cidade.

Além disso, foi em Porto Alegre onde Abílio de Nequete abraçou o espiritismo em 1913, com 25 anos de idade. Ao pesquisar na Biblioteca da Sociedade Espírita Allan Kardec, Nequete encontrou um livro de Louis Jacolliot, em que o escritor francês fazia uma comparação da vida de Cristo e de Krishna, o que teria lhe convencido a trilhar um caminho religioso próprio. Outro momento importante nesse processo de descoberta religiosa foi a leitura de *Calila e Dimna*, no ano de 1916; trata-se de uma compilação de fábulas indianas, o *Panchatantra*, traduzidas para o persa pelo filósofo Burzoe, que viveu no Império Sassanida durante o reinado de Cosroes I, no século VI⁴. A partir de seu próprio depoimento (escrito posteriormente), pode-se depreender que Nequete se interessou mais pela biografia do filósofo, do que nas parábolas propriamente ditas; nesta o sábio dizia resumidamente que:

tendo tido tendência religiosa, quis abraçar a melhor, porque a dos pais podia estar errada. Argumentada [sic] a respeito, para não se conformar com a ideia de seguir os pais, porque seria endossar aos que lhe seguem vícios e diz: “pretendem, os que tal aconselham, evitar a discussão (Nequete, 1954, p. 19)

Para Nequete isso deveria ser muito significativo, pelo fato de estar entrando em contato com novas ideias e um novo modo de vida. Sua terra natal, sua família, sua profissão de mascate, sua religião: as experiências vividas na capital ofereceram ao jovem imigrante libanês a oportunidade de trilhar novos caminhos. Essas descobertas religiosas estavam entremeadas de estudos de história universal e de sociologia, conforme suas próprias palavras: “Entrego-me à sociologia sem o mínimo interesse pela religião, e a Deusa Fortuna depõe em minhas mãos -1916- um material excelente: o livro de um sociólogo hindu” (Nequete, 1954, p. 19).

Militar n.1432, Foro Federal, Porto Alegre, 1917. Para a correspondência com a localização atual, foi consultada uma tabela de mudança de numeração de ruas publicadas pelo jornal A Federação durante o ano de 1927 e 1928.

4 Na carta de 1933, Nequete não se refere diretamente ao nome texto ou ao nome do filósofo, mas essa referência é realizada em outro escrito do mesmo período. Nequete, Abílio de. *Ideário Technocrata. Solução definitiva das questões sociais (conjunto de argumentos doutrinários em defesa da nova ideia)* Porto Alegre: Gündlach. 1932.

Ao que tudo indica, Abílio de Nequete era um hávido leitor e possuía uma mente inquieta; estava imerso em um ambiente intelectual em que várias referências se cruzavam, como a noção de progresso científico, as ideias revolucionárias e diversas concepções religiosas (Schmidt, 2001). Ele também era um trabalhador, que fazia parte de uma classe com um forte histórico organizativo na cidade de Porto Alegre e que estava sofrendo um processo de profunda exploração econômica, além dos efeitos da carestia de vida por conta da crise advinda da Primeira Guerra Mundial. Em 1917, as notícias da Revolução Russa vão abrir novas perspectivas e mudar novamente a trajetória de Nequete, transformando-o em uma importante liderança do movimento operário local.

O IMPACTO DA REVOLUÇÃO RUSSA E A APROXIMAÇÃO COM O EXEMPLO BOLCHEVISTA

Em 1917 o Brasil entrou na Guerra Mundial ao lado da Entente, como aliado de França, Rússia e Inglaterra, mas esse foi também um ano de intensa atividade do movimento operário em todo o Brasil (Toledo, 2017). Em meio à intensa agitação social, o conflito internacional atingiu as comunidades imigrantes de Porto Alegre; em seus Cadernos de Memórias o militante relaciona seu ingresso na arena política aos tumultos que ocorreram na cidade em represália ao torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães (Silva Jr. 1994, pp. 125-215). Ao observar o incêndio de casas de alemães que viviam no Brasil, ele sentiu necessidade de defender e dirigir o povo. Em suas palavras “Só a direção pode merecer censura ou aplauso, porque o povo é unicamente dirigível” (Rosito, 1972, p. 4).

Além disso, durante a guerra, Nequete sentira duramente as derrotas do exército russo frente aos Impérios Centrais. Como sua religião original era ortodoxa, ele nutria simpatia pelos povos eslavos. A Rússia tinha influência nas regiões de fé cristã do Oriente Médio e a luta que se desenrolava contrapunha o Império Otomano, que controlava o Líbano, ao Império Russo, que tinha interesse em estabelecer sua predominância naquelas regiões. Sobre essa questão, Edison Nequete afirma que seu pai, quando criança, estudou em uma escola ortodoxa financiada pelo Czar da Rússia, o que teria reforçado esse laço de simpatia e proximidade (Nequete, 2008).

Nesse contexto de crise econômica e acirramentos dos conflitos, Nequete viu a chance de atuar junto ao povo quando eclodiu a Greve Geral no final de julho. Os operários já haviam declarado greve por causa da carestia de vida em Curitiba e em São Paulo, onde foi organizado um Comitê de Defesa Proletária (Moraes, 2017, pp. 77-86; Del Roio, 2017 e Lopreato, 2000). Em Porto Alegre a ação anarquista resultou na fundação de uma Liga de Defesa Popular, como instância para coordenar as movimentações resultantes da greve. A paralisação durou de 31 de julho a 4 de

agosto; neste período boa parte da produção da cidade foi interrompida e os operários chegaram a impedir a circulação de carros, permitindo que apenas aqueles sob salvo conduto trafegassem. A greve teve fim pela desmobilização de uma parte dos operários, já que algumas reivindicações haviam sido atendidas pelo Presidente do Estado, Borges de Medeiros, e pelo Intendente Municipal, José Montaury, que ordenaram o aumento dos salários dos operários a serviço do Estado e algumas medidas contra a especulação de gêneros de consumo popular (Petersen, 2001, pp. 328-340; Silva Jr., 1996, pp. 183-205 e Queiróz, 2012, pp. 45-49).

Abílio de Nequete foi um dos membros escolhidos para fazer parte da Liga de Defesa Popular (LDP), que agrupava quarenta nomes de diferentes categorias de trabalhadores. Ele desempenhou um papel importante, pois foi lhe dada a gerência do jornal da Liga, “*A Época*”, um semanário que durou três meses e que funcionava no endereço de sua barbearia. Essa aproximação com o movimento operário deve ser entendida como uma iniciativa do imigrante libanês, mas também deve ser compreendida a partir da perspectiva dos interesses do movimento. A Greve de 1917 foi um momento em que os militantes anarquistas organizaram a LDP buscando um impulso renovador da ação operária em Porto Alegre; Nequete era um trabalhador letrado, que no seu ofício de barbeiro tinha contato com uma rede ampla de pessoas e sua participação deve ser considerada um ganho para as organizações de classe.

Alguns meses depois da Greve Geral, em novembro de 1917, chegaram as notícias da vitória dos bolchevistas na Rússia. Esse acontecimento teve um enorme significado, com impactos nos movimentos operários em todo o mundo, mostrando que a vitória da Revolução Social era possível (Ribeiro, 1989, p. 52-57; Hobsbawm, 2002, p. 66 e Secco, 2020, p. 13-26). Em Porto Alegre, Abílio tentou estender sua ação para outro grupo social: os militares. Em dezembro de 1917 ele distribuiu para os soldados um panfleto chamado *Ao Povo Rio Grandense*, assinado pelo Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Esse panfleto, que tinha um forte teor nacionalista, criticava a miséria da população trabalhadora e sugeria às autoridades a implantação de medidas incomuns: a suspensão dos alugueis pagos pelas famílias operárias e a instituição de uma contribuição de 5% sobre seu valor para ajudar a Cruz Vermelha Brasileira na Guerra e para reverter no melhoramento da aviação.

Nos Cadernos de Memórias, seu autor faz uma alusão aos panfletos, dizendo que ficou doze dias na prisão por sua distribuição (Rosito, 1972, p. 5). No Inquérito Militar que foi instaurado para apurar os fatos, Nequete afirmou que a distribuição era uma iniciativa pessoal sua, para dar mais credibilidade às suas ideias. Outras pessoas que foram chamadas para depor, que eram os clientes da sua barbearia e outros sujeitos próximos, disseram que Abílio recebia alemães em sua casa para reuniões e que de aliadófilo que fora outrora, havia se transformado em germanófilo, embora alguns o definissem também como “amigo da Sérvia”, de tendências

anarquistas, defensor do proletariado e admirador exaltado da Rússia revolucionária (Inquérito Policial Militar n.1432, Porto Alegre, 1917).

É possível que Nequete tenha “comprado” a tese da “traição russa” e de sua mudança de lado na Guerra, ou seja, que a paz de Brest Litowsky era um sinal de que a Rússia estava apoiando a Alemanha, embora o fato de ser reputado como amigo da Sérvia, uma das mais decisivas apoiadoras do pan-eslavismo russo e da influência ortodoxa nos Bálcãs, possa ser um indício que a primeira aproximação de Nequete com a Revolução Russa tenha um conteúdo mais de simpatia étnica do que política. Entre os depoimentos tomados pelos militares, destaca-se o fato de Nequete ter participado da Greve Geral, ter abrigado a redação do jornal da LDP e sua casa ter sido um espaço de reuniões operárias. Também é indicado que o militante havia reunido em torno de si um grupo bastante heterogêneo que realizava encontros periódicos em sua residência, como o 2º Sargento do Exército Marcínio Cadaval, o escultor espanhol André Arjonas (que participara da Greve Geral de 1906), o médico alemão Júlio Theodoro Hoffmann e o dentista suíço Adolpho Otto Jaenichen (Bartz, 2017, pp. 165-167).

Abílio de Nequete afirmou que a entrega do Boletim tinha por objetivo congregar os militares e os operários, visto que esses últimos tinham uma visão negativa da vida da caserna; de qualquer forma, é impossível deixar de ver nesse gesto a marca da Revolução Bolchevista e seus Soviets, cujo triunfo era muito recente. Apesar de seu autor chamar para si a responsabilidade da distribuição, sabe-se que a ação foi precedida de reuniões e debates em sua casa. Dessa forma, pode-se dizer que o intento de articular o Grupo de Operários e Soldados Brasileiros foi o primeiro esforço organizativo diretamente influenciado pela Revolução Russa em Porto Alegre.

Paralelo ao que acontecia com Abílio de Nequete, uma série de conflitos se desenvolviam no seio do movimento operário em Porto Alegre. Depois da Greve de 1917, a Liga de Defesa Popular (da qual Nequete fazia parte), se transformou em um espaço de disputa entre anarquistas e sindicalistas moderados influenciados pelo Partido Republicano (Bartz, 2017, p. 72-73). Depois do movimento grevista, Francisco Xavier da Costa, que era um antigo líder social democrata que se tornara Conselheiro Municipal pelo PRR, aproveitou do diálogo entre os Governos Estadual e Municipal com os grevistas para apresentar-se como porta voz da classe trabalhadora diante dos poderes públicos. Isso reforçou o papel dos sindicalistas moderados dentro da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). Os anarquistas, por sua vez, reativaram sua organização tradicional, a União Operária Internacional, para reforçar suas posições em defesa do sindicalismo revolucionário. Neste ambiente de cizânia e ataques mútuos é que ressurgiu em fevereiro de 1918 o jornal *A Luta*, porta-voz dos anarquistas contra os socialistas moderados, e é nesse jornal que Nequete vai publicar artigos sobre a Rússia.

Assim como Nequete, outros militantes operários ficaram entusiasmados com a Revolução, mesmo antes da vitória dos Bolchevistas. Em agosto de 1917, durante a Greve Geral, os militantes faziam referência à Rússia de Koprotkin, de Gorky e de Gogol nos comícios públicos (Bodea, 1979, p. 36). Para os libertários, a Revolução Russa significava o início da emancipação da classe trabalhadora e a derrota das instituições burguesas, como o Estado, o Exército e a Igreja. Para o imigrante libanês, no entanto, a vitória bolchevista se revestia de outros significados, especialmente quanto à religião, pois a implantação do programa socialista permitiria o surgimento de uma nova espiritualidade, de um “espiritismo sem religiosidade nem charlatanismo (...) Estava achado o campo de ação em que o espiritismo, degenerado em preces e consagrante a propriedade individual, não me facultava...” (Rosito, 1972, p. 5). Dessa forma, se uniam as simpatias étnicas do operário com as esperanças religiosas: a Rússia se transformara de baluarte dos fiéis ortodoxos em uma pátria nova para onde os operários do mundo poderiam olhar para a realização de um ideal espiritual e social mais alto.

No jornal *A Luta* os anarquistas deram grande destaque à Revolução Russa e seu caráter emancipador. Nesse periódico Nequete vai escrever os artigos *O homem e a pátria* na edição de 28 de março e *O nosso dia se aproxima...*, em 14 de outubro. O primeiro criticava duramente o patriotismo que havia levado ao fratricídio da Guerra Mundial, mas apontava para a esperança de uma nova pátria que surgia do “lodo e da fumaça”: “Esta pátria é a nova e grande Rússia a pátria dos três magos do oriente- Lênin, Trotsky e Krylenko - pátria da humanidade - e esta defenderei com a própria vida se me for dado defender” (*A Luta*. Porto Alegre, 28/3/1918. p. 3). O segundo artigo falava da Revolução Maximalista (tradução portuguesa de Bolchevismo), propondo inclusive que se referissem a ela não mais como a Revolução Russa, já que era uma revolução cujo destino se vinculava à toda a humanidade. Um acontecimento grandioso que viria destruir todas as divisões de classe e fundir todas as raças, um dia de libertação que se aproximava para todo o mundo (*A Luta*. Porto Alegre, 14/10/1918, p.3-4).

Apesar das esperanças de libertação convergentes, Nequete escreveu em seus Cadernos que entrou em conflito com os anarquistas por suas convicções religiosas. Os libertários eram ateus e anticlericais, por esta razão mesmo a sua fé no espiritismo seria criticada. Zenon de Almeida⁵, por exemplo, fez pouco caso do seu “*espiritualismo orientalista*” (Petersen, s/d, p. 1). A atitude de Almeida, no entanto,

5 Zenon de Almeida foi um dos principais militantes anarquistas do Rio Grande do Sul no começo do século xx. Dedicou-se ao jornalismo operário, ao teatro e outras atividades culturais, sendo um inimigo da igreja e do clericalismo. Durante o período das grandes greves se tornou um ardoroso defensor da Revolução Russa. Mais informações ver MARÇAL, João Batista. Os anarquistas no Rio

não pode ser generalizada. Outros líderes operários eram adeptos ou simpatizavam com o espiritismo, como os socialistas Guedes Coutinho e Carlos Cavaco, e o anarquistas Stefan Michalsky (Schmidt, 2001, p. 119).

Durante o ano de 1918, o movimento operário em Porto Alegre vivia um momento de reorientação: os militantes anarquistas organizaram a União Geral dos Trabalhadores (UGT), articulando uma nova Greve Geral junto da Federação Operária e da União Metalúrgica a partir de 21 de julho (Petersen, 2001, p. 344-346). A paralisação acabou sendo reprimida pelas forças policiais do Governo Estadual, com consequências negativas para os sindicalistas moderados. A direção da FORGS antagonizada pelos anarquistas demitiu-se. A Federação Operária do Rio Grande do Sul fundiu-se com a UGT, na qual se reuniram os anarquistas da União Operária Internacional. A FORGS então ingressou na órbita de influência dos anarquistas.

Neste contexto de crítica aos sindicalistas moderados, de radicalização das propostas políticas e de esperanças com as revoluções que ocorriam na Europa é que Abílio de Nequete decidiu organizar uma das primeiras associações operárias que vai se identificar como seguidora da Revolução Soviética: a União Maximalista de Porto Alegre.

ABÍLIO DE NEQUETE E A UNIÃO MAXIMALISTA DE PORTO ALEGRE

O ano de 1918 foi decisivo na trajetória de Abílio de Nequete como liderança de um movimento comunista em formação, isso porque em 1º de novembro foi fundada a União Maximalista de Porto Alegre (lembrando que maximalista aqui é entendido como tradução de bolchevista). A União surge com apenas três membros: o próprio Nequete, Francisco Merino e Otávio Hengist. A fundação desta associação é marcada pelo lançamento de um manifesto chamado *Do Canhão à Peste: Até que os operários tenham consciência de si próprios...*⁶ Neste manifesto a gripe espanhola, era mostrada como um flagelo que se espalhava graças às condições miseráveis em que os trabalhadores se encontravam e como consequência da Guerra Mundial. O manifesto criticava o patriotismo e a religião, aconselhando os operários a não verem os soldados como inimigos, pois tinham a mesma origem que eles; o grande inimigo a ser atacado era a burguesia. Outro elemento central é que a Rússia Revolucionária surgia como o grande exemplo a ser seguido, como um modelo de libertação que surgia em meio ao caos criado pelo capitalismo:

Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. p.33-41.

6 Esse panfleto, assim como os seguintes Ao Povo: O programa maximalista e Boletim Protesto, estão anexados ao Processo Crime n.1016, maço 66, Cartório do Júri, Porto Alegre, 1919.

Operários! Assim como a cólera é oriunda dos campos de batalha e ora nos afeta, assim como todas as consequências nos atingem, da mesma sorte ou melhor ainda (por se tratar da madureza do homem) o maximalismo, era triunfante na Rússia, e, segundo suas últimas informações já está invadindo os Impérios Centrais, começando pela Bulgária, já bate no trono dos Hohenzollern... estejais pois alerta, porque ele há de vir até cá... muito breve talvez, a despeito de todos os arreganhos... (*Do Canhão à Peste*. Porto Alegre, 18/11/1918)

Alguns anos depois Nequete afirmaria que a organização havia sido criada como entidade revolucionária que buscava propagar o exemplo da Revolução Russa. Uma das justificativas para o uso do nome era “a hostilidade que já começavam a desenvolver os anarquistas da União Operária Internacional a qual pertenciam, como afiliados, os três fundadores da União Maximalista” (*Carta de Abílio de Nequete*. Montevideú, 1/2/1922, p. 1). Disso pode ser depreendido que a União Maximalista foi uma dissidência da UOI, que tomou o seu modelo organizativo como exemplo, ou seja, uma entidade operária com caráter de defesa e difusão de uma doutrina revolucionária (nesse caso, o bolchevismo ao invés do anarquismo).

Entre 1918 e 1919, também foi o momento em que Nequete se estabeleceu no Quarto Distrito, na Rua Conde de Porto Alegre, n.55 (atualmente, n.368); essa era a região industrial da cidade, com grande população operária, com uma intensa atividade sindical e onde circulavam ideias vinculadas à esse movimento (Petersen e Lucas, 1992, p. 237-242; Fortes, 2004; Mattar, 2010 e Trujillo, 2021, p. 4-11). No momento de fundação da nova organização, Porto Alegre sofria com o surto da Gripe Espanhola, que castigou especialmente os bairros operários; isso pode ser inferido pela campanha de distribuição de donativos e alimentos coordenada pela Federação Operária e pela União Metalúrgica, que se dedicou especialmente à região. O contato diário com o mundo proletário, em meio às dificuldades econômicas e à pandemia, fez com que sua militância se voltasse para uma ação mais decisiva entre a classe trabalhadora.

No começo do ano de 1919, a União Maximalista lançou um outro manifesto, com o objetivo de esclarecer o que era o maximalismo russo, já que os jornais burgueses apenas deturpavam as ideias da Revolução. O programa, apresentado de forma bastante sucinta, tratava da nacionalização do fisco, da abolição das castas privilegiadas, da expropriação dos bens etc. Além disso, explicava o que era o Soviet, uma associação que distribuía alimentos e roupas, onde todos trabalhariam, produzindo para si e os outros (*Ao Povo. O programa maximalista*. Porto Alegre, 1919). Apesar da simplicidade, este panfleto mostrava a urgência de esclarecer os trabalhadores sobre os processos revolucionários, combatendo os ataques que esses

vinham sofrendo dos jornais de grande circulação. Nos seus Cadernos de Memórias, Nequete afirmava que aproveitou a ocasião de um boicote feito ao *Correio do Povo* para propor que a medida se estendesse a outros jornais da capital, pois todos falavam mal da Revolução Russa; no mesmo sentido, n'O *Syndicalista* (jornal da Federação Operária) daquele ano encontramos diversos artigos que tinham por objetivo rebater as reportagens sobre a Rússia divulgadas pela grande imprensa (O *Syndicalista*. Porto Alegre, 1/4/1919, p. 3; 1/5/1919, p. 3 e 11/7/1919, p. 1).

Os panfletos da União Maximalista podem ser postos na mesma tradição de difusão de informações da imprensa operária, que se colocava a tarefa de educar e conscientizar o operariado, de combater a burguesia e de propagar as doutrinas revolucionárias. Outro texto lançado pela União Maximalista foi o *Boletim Protesto*, contra a intervenção policial no Congresso do recém fundado Partido Comunista do Brasil. Esse PCB, diferente daquele surgido em 1922, era uma frente ampla de grupos operários, que defendiam a Revolução Social, encabeçada pelos libertários do Rio de Janeiro. Nesse panfleto a organização de Porto Alegre se afirmava filiada ao Partido, o que demonstra um interesse em participar de movimentos mais gerais da classe trabalhadora (*Boletim Protesto*. Porto Alegre, 1919).

Como as lutas sociais não se travavam apenas no terreno das palavras, Abílio de Nequete participou ativamente dos movimentos grevistas ocorridos em 1919. O líder maximalista assumiu a direção da greve dos metalúrgicos, já que a FORGS não queria patrociná-la. A paralisação vitoriosa durou de 13 de julho a 18 de agosto (Petersen, 2001, p. 360-363). Essa ação resultou em novas adesões à União Maximalista: Carlos Toffolo, presidente da União Metalúrgica, e Milton Loff. O líder maximalista também ajudou a organizar a greve dos carpinteiros e marceneiros, que reivindicavam um salário de 7 mil-réis fixos e um aumento de 25 % sobre o ordenado. Eles conseguiram a vitória em uma semana e mais um membro aderiu ao maximalismo, Narciso Mirandola⁷.

As movimentações da União Maximalista junto ao movimento operário são descritas nos Cadernos de Memória, mas devem ser colocadas em perspectiva a partir de outras fontes. Friedrich Kniestedt⁸, importante liderança anarquista e uma das figuras mais destacadas da Federação Operária, contou em suas memórias que foi o

7 Nos Cadernos de Memória, Abílio o identifica pelas iniciais MNM. Lenine Nequete, filho de Abílio, indicou a Sílvia Petersen que se tratava de Narciso Mirandola.

8 Friedrich Kniestedt foi um operário anarquista alemão, militou tanto em sua terra natal quanto no Brasil. No fim dos anos 1910 foi um dos principais organizadores do movimento operário na capital. Suas memórias enquanto militante foram divulgadas pelo jornal *Aktion*, nos anos 1930, e posteriormente traduzidas, organizadas e publicadas pelo Professor René Gertz. Mais informações ver MARÇAL, João Batista. Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

organizador da greve dos trabalhadores em madeira e que esses ajudaram os metalúrgicos em sua luta por oito horas (Kniestedt, 1989, p. 127-128). Ao invés de uma categoria ter dado suporte à outra, ao que tudo indica existiu uma estreita colaboração entre ambas, inclusive com o uso comum de um mesmo espaço, o Salão da Rua do Parque, n.74 (*O Syndicalista*. Porto Alegre, 17/6/1919, p. 3 e 2/8/1919, p. 3).

O afastamento ou independência da União Metalúrgica em relação à FORGS pode ser percebida em outros indícios, como o fato dela não constar entre as entidades filiadas em março de 1919 (*O Syndicalista*. Porto Alegre, 1/4/1919, p. 4) e que os metalúrgicos estiveram envolvidos na fundação de um Partido Operário Socialista em fevereiro daquele ano (Petesersen, 2001, p. 357-358). Nesse sentido, a União Metalúrgica era uma entidade importante, que estava fora da órbita dos anarquistas da FORGS, o que permitiu aos maximalistas estenderem sua influência dentro dessa categoria.

Um número muito grande de greves foi deflagrado em Porto Alegre desde janeiro de 1919, culminando com uma Greve Geral entre 25 de agosto e 11 de setembro (Petersen, 2001, p. 360-363). O movimento operário estava em um momento de efervescência, mas os diferentes grupos nem sempre convergiam em suas táticas e ações comuns. Abílio de Nequete referiu posteriormente que os anarquistas estavam divididos em dois setores: um grupo era filiado à Federação Operária do Rio Grande do Sul e o outro ao Sindicato dos Trabalhadores da Força e Luz, cujo sede se localizava na Azenha. O líder desse grupo, Orlando de Araújo Silva, editor do jornal *A Arena*, em que Nequete colaborava, propôs-lhe uma aliança para dar um golpe na Federação Operária. Abílio não aceitou, mas essa proposta mostrava como ele e a associação que havia fundado fazia menos de um ano já jogavam um papel importante nas disputas internas do movimento.

O momento culminante daquela conjuntura foi a Greve Geral iniciada em 25 de agosto: o alto custo de vida e os baixos salários fizeram com que a paralisação iniciada com os operários das fábricas de fiação logo se estendesse as outras categorias, como os trabalhadores da Companhia Telefônica e da Força e Luz. As comunicações foram paralisadas, a energia elétrica foi interrompida, e isto ia se agravando à medida que mais operários aderiam ao movimento. No dia 5 de setembro calculava-se que 3 dos 9 mil operários de Porto Alegre estavam em greve.

Para o dia 7 de setembro, feriado da Independência, foi convocada uma manifestação endereçada à várias categorias de trabalhadores, entre a Intendência e o velho Edifício Malakoff, local que atualmente corresponde à área entre a Praça Montevideu e o Largo Glênio Peres. A cavalaria também compareceu ao local e o Chefe de Polícia, Eurico Lustosa, intimou os manifestantes a se dispersarem. Como isso não aconteceu, Lustosa contou até três, fez um gesto para os soldados e estes desembainharam as espadas e começaram a atacar. Em meio à confusão,

de forma inconsciente, Nequete fez o sinal maçônico de socorro⁹; Lustosa, que era maçom, entendeu e ordenou que a cavalaria interrompesse o ataque. Para saber do destino dos mortos e feridos, Abílio convocou os participantes para irem até a FORGS, mas quando chegou no local, foi preso e levado para a 3ª Chefatura da Polícia, e daí foi encaminhado para o Quartel General da Brigada.

No Quartel, o militante estabeleceu uma interessante discussão com o Coronel Emílio Massot, Comandante da Brigada Militar: esse perguntou a Nequete porque, sendo ele um estrangeiro, se metera naquela greve; ele respondeu que era para defender os brasileiros dos estrangeiros que vinham explorá-los. Massot argumentou que muitos operários ganhavam mais que os soldados, ao que Abílio rebateu dizendo que eles também eram explorados e vendo um retrato de Pinheiro Machado na parede, disse ao Coronel que ele havia morrido em vão¹⁰. Depois desse diálogo, ele foi levado de volta para a Chefatura. Posteriormente, Nequete foi ameaçado de deportação por ser estrangeiro, o que não chegou a se concretizar. Outros líderes operários, como Friedrich Kniestedt, também foram ameaçados; mesmo que suas deportações não se concretizassem, essa atitude demonstra como o Estado usava o fato de alguns militantes serem imigrantes para deslegitimar suas atividades e ameaça-los com a expulsão (Kniestedt, 1989, p. 129).

No período seguinte, Nequete tencionou fundar uma biblioteca em sua organização. Nas Memórias, ele associa essa ideia à impressão que o conflito do Dia da Independência lhe causara, de que as atividades e a propaganda estavam equivocadas, pois só haviam livros anarquistas à disposição da militância (Petersen, s/d, p.3 e Rosito, 1972, p. 8). Apesar dessa afirmação, já havia a intenção de fundar uma biblioteca pelos maximalistas antes dos acontecimentos de setembro, como pode ser observado em uma notícia vinculada por *O Syndicalista* ainda em agosto: “Afim de intensificar a propaganda das ideias libertárias, um grupo de sócios resolveu fundar uma biblioteca. Tal iniciativa foi bem acolhida pelos camaradas pois, já são vários os livros dados para tal fim” (*O Syndicalista*, Porto Alegre, ago, 1919. p. 4.).

Acredito que além das considerações sobre o predomínio da literatura anarquista em Porto Alegre, a fundação de uma biblioteca é um indício da institucionalização e expansão da entidade. Outro indício é a relação que ela estabeleceu no “*Boletim Protesto*”, se associando ao Partido Comunista Brasileiro. Essa relação é reforçada

9 Não tive informações sobre alguma possível ligação que Abílio de Nequete teria com a maçonaria, mas esta não seria algo estranho no movimento operário. Xavier da Costa, por exemplo, também era maçom.

10 Pinheiro Machado era um dos principais líderes republicanos e havia sido assassinado no ano de 1915. Essa referência pode mostrar que mesmo sendo um maximalista, o militante ainda mobilizava exemplos e ideias republicanos em sua construção política.

pelo fato de Abílio de Nequete aparecer também como um dos pacoteiros (pessoas que encomendavam pacotes de jornais a serem remetidos para lugares distantes) do jornal *Spartacus*, editado pelo grupo comunista do Rio de Janeiro.

No mês de outubro veio a Porto Alegre o gerente do jornal *A Plebe* de São Paulo, Everardo Ferreira, para pedir a adesão dos operários do Rio Grande do Sul para uma insurreição operária que estava sendo planejada pelos militantes paulistas; esse movimento era parte de uma articulação mais ampla em que estava envolvido o recém criado Partido Comunista. Os militantes locais fizeram uma reunião para aderir à proposta e ficou decidido que Nequete iria para o sul do estado para iniciar uma Greve Geral em Pelotas e Rio Grande. O movimento revolucionário acabou não se concretizando, por conta da descoberta dos planos pela polícia e pela tentativa de iniciar a insurreição de forma antecipada, o que resultou em sua imediata e feroz repressão (Dias, 1962, p. 91 e Bartz, 2014, p. 144-169).

Mesmo que a insurreição operária tenha sido reprimida, a viagem que fez ao sul do Estado foi um marco importante na formação política de Nequete, pois foi em Rio Grande onde que ele encontrou bibliografia marxista e recolheu endereços do exterior. De volta a Porto Alegre, fez pedidos à Buenos Aires para que lhe enviassem semanários como o “Internacional” e “Documentos del Progreso”, conseguindo através dessas indicações mais literatura marxista. É interessante notar que ele havia aderido ao maximalismo sem ter uma formação marxista. Nesse sentido, o maximalismo aparece como uma perspectiva socialista radical, influenciada mais com o exemplo prático da Revolução, do que por um corpo de ideias definido.

Em Pelotas, Nequete tomou conhecimento do Congresso Operário Brasileiro que se realizaria no Rio de Janeiro no início de 1920 e tomou providências para preparar o Congresso do Rio Grande do Sul. Nas memórias de Friedrich Kniestedt, é indicado que a iniciativa de convocar o Congresso foi da FORGS, que nomeou Kniestedt, Toffolo e Nequete para prepará-lo (Kniestedt, 1989, p. 131). A formação dessa Comissão, com dois maximalistas de um total de três membros, é um dos sinais da mudança de posição da organização dentro do movimento operário local. Na edição de *O Syndicalista*, de 24 de janeiro de 1920, Maximiliano Ourique, que era membro da União Maximalista, apareceu como gente do jornal. Nesse mesmo número, na primeira página, surgiu uma coluna chamada “*As Evidentinas*”, pequenos textos a cargo de Abílio de Nequete, que tinha como pseudônimo Máximo Evidente. Na mesma página aparecia uma denúncia de Pavel Pavlovsky (outro pseudônimo de Nequete), contra os Correios, que se negaram a entregar para Abílio um pacote do jornal *Spartacus*, recém remetido do Rio de Janeiro, afirmando ter ordem para queimá-lo (*O Syndicalista*. Porto Alegre, 24/1/1920, p. 1 e 2).

Além de ter o predomínio na Comissão do Congresso, Nequete e os maximalistas conseguiram um espaço respeitável no jornal da FORGS e seu líder tinha a

incumbência de distribuir o principal periódico operário do Rio de Janeiro. Isso parece ter provocado a reação de alguns militantes anarquistas, como Friedrich Kniestedt, que fazia forte oposição ao marxismo desde sua militância na Alemanha. Na edição de 4 de abril, Kniestedt publicou em primeira página uma “Declaração de Princípios do Sindicalismo” e na página 3 aparecia publicado um texto chamado “O Sindicalismo não é marxista” (*O Syndicalista*. Porto Alegre, 4/4/1920, p. 1 e 3). Esse tensionamento também foi observado no Congresso Operário Regional, que se realizou entre 21 a 25 de março de 1920. Na primeira sessão, Nequete apresentou a proposta de fazer com que a FORGS aderisse a Internacional Comunista; essa tese provocou uma discussão que se prolongou por horas sem ter sido resolvida. Kniestedt afirma (em suas memórias) que conseguiu adiar o debate para o terceiro dia, o que foi fatal para a tese de Nequete (Kniestedt, 1989, p. 132). Abílio, por sua vez, afirma que apesar de ter sido o autor o Teses do Congresso, sua palavra foi cassada por não representar nenhum sindicato e que, depois da adesão à Internacional ter sido reprovada, ele e seus companheiros se retiraram da FORGS.

Friedrich Kniestedt escreveu e publicou suas memórias em alemão no jornal *Aktion*, nos anos 30, enquanto Abílio de Nequete escreveu seus cadernos nos anos 40. Ao cotejarmos essas versões, encontramos nelas expressas as disputas internas que marcaram o movimento operário, o que é uma dinâmica comum no processo de formação da classe operária. Nesse caso, a disputa vinha acompanhada de uma repressão muito recente e da desorganização das associações, o que tornava as relações entre os militantes muito mais difícil. O grupo de Nequete foi derrotado e afastou-se da órbita da Federação. Isso levou a União Maximalista a se voltar para outros campos de luta, em um processo que culminaria na fundação do segundo Partido Comunista do Brasil em 1922.

ABÍLIO DE NEQUETE E A FUNDAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

No início de 1921, Nequete encontrou o diário *Justicia*, do Partido Socialista Uruguaio, informando que seus representantes fariam uma reunião para deliberar sobre a sua adesão à Internacional Comunista (IC), sendo que o Senador Celestino Mibelli optava pela entrada imediata. Nequete mandou então uma carta, concedendo ao parlamentar a representação da União Maximalista nesta reunião, o que fez de Mibelli o primeiro delegado da entidade em um congresso comunista, iniciando os contatos institucionais da associação com o exterior. Através desse contato, o grupo de militantes se constituiu em um espaço de recepção e difusão de ideais de esquerda que circulavam em outras regiões da América Latina (Trujillo, 2021, p. 6-8).

Ainda em 1921, Astrogildo Pereira¹¹, do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, entrou em contato com Nequete. Dessa correspondência surgiu a mudança de nome de União Maximalista para Grupo Comunista de Porto Alegre, “mais de acordo com o que Lênin havia proposto” (Rosito, 1972, p. 10). Aqui é necessário abrir um parêntese para explicar que a relação dos militantes brasileiros com a Internacional se processou de forma diversa, em diferentes lugares. Conforme relato de Afonso Schmidt, um comunista inglês chamado Ramison teria vindo ao Brasil e do encontro com Astrogildo Pereira surgiu a ideia de organizar o Partido Comunista (Bandeira, 2017, p. 462-464). Esse caso pode fazer referência à vinda ao Brasil do militante norte-americano Maximilian Cohen, sob pseudônimo de H. Allen (o que talvez explique o trocadilho com o cometa), ficando um período de tempo em Recife e no Rio de Janeiro (Jeifets e Jeifets, 2014, p. 79-84).

Talvez não seja coincidência que nas duas cidades que o militante novaiorquino visitou, tenham se constituído Comitês de Socorro aos Flagelados do Volga, com a finalidade de enviar ajuda aos camponeses russos assolados pela seca e esses núcleos deram origem aos grupos comunistas nas respectivas cidades. Nesse período a Internacional Comunista teve diversos representantes na América Latina, ou seja, o contato de Cohen não se contrapõe à relação de Nequete a partir de Montevidéu. O que se pode afirmar com mais certeza, no entanto, é que a relação da União Maximalista com a Internacional a partir dos comunistas uruguaios foi mais orgânica e duradoura, o que explica o papel estratégico do Grupo de Porto Alegre para a formação do PCB.

Em princípios de 1922, Nequete recebeu um telegrama do Uruguai, assinado por Martin Simoni, do *Justícia*, pedindo sua presença naquele país. Ao chegar em Montevidéu, encontrou-se com Alexandre Alexandrovsky, russo-argentino que era o delegado soviético para a América Latina, o qual lhe pediu um relatório sobre o movimento no Brasil e sobre a possibilidade da formação de um Partido. Apesar das dificuldades que lhe expôs, Nequete ficou incumbido de convocar um Congresso no Rio de Janeiro. Em Montevidéu, Abílio aproveitou também para acompanhar a ação dos comunistas uruguaios; lá discordou do antimilitarismo de Eugenio Gomez, delegado da Federação dos Marítimos e do que ele julgou ser um fechamento excessivo nos núcleos sindicais. Acompanhou também a reunião que resultaria na

11 Astrogildo Pereira foi um militante anarquista do Rio de Janeiro no começo do século xx, foi um dos fundadores da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro e envolveu-se com a insurreição operária que naquela cidade em 1918. Foi também um dos organizadores do Partido Comunista de 1919. No início dos anos 20 seria um dos primeiros a romper com o anarquismo na antiga Capital Federal. Mais informações sobre o militante, ver Del Roio, Marcos. A trajetória de Astrogildo Pereira, fundador do PCB. *Novos Rumos*. Marília, v.52, n.1, 2015.

nomeação de um delegado para a Rússia, onde deu-se uma disputa entre Simoni e Gomez. O resultado desta experiência para Abílio de Nequete foi o de desencanto com a organização uruguaia, de quem ele tinha outra impressão através do *Justícia* (Rosito, 1972, p. 10).

Quando estava em Montevidéu, Abílio de Nequete mandou uma carta para Moscou, prestando contas de como estava organizado o movimento comunista no Brasil. Depois de historiar o período das grandes greves e a tentativa de formar um Partido Comunista no Brasil em 1919, o texto se centrava no processo de desagregação que o movimento operário vinha sofrendo no início dos anos 20. Nequete apontava dois motivos principais para a dificuldade que os comunistas tinham para se organizar: a campanha que os anarquistas moviam contra os adeptos da Revolução Russa e a ação repressiva do estado.

A reação burguesa: deportando, prendendo, ferindo e mesmo matando a vários trabalhadores, amedronta a todos; a reação anarchica estabelece uma verdadeira confusão e as organizações se dissolvem em sua absoluta maioria. A UNIÃO MAXIMALISTA que passa a ter alguns membros foi a única que resistiu a tudo, perseguida pelo capitalismo e sabotada [sic] pelos anarquistas nos meios obreiros, passa a ter uma vida allegal [sic] que mantém até hoje (*Carta de Abílio de Nequete*. Montevidéu, 1/2/1922, p. 2)

De volta ao Brasil, ele se preocupou em organizar o novo Partido Comunista, desta vez alinhado com as diretrizes da Internacional Comunista. O Congresso de fundação ocorreu no Rio de Janeiro entre 25 e 27 de março de 1922, tendo 9 participantes dos núcleos de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Niterói, São Paulo e Cruzeiro (cidade do interior de São Paulo). Na primeira reunião, desejou dissolver a associação, porque na discussão dos pontos impostos pela III Internacional, houve forte oposição à tese eleitoral. Abílio, que fora escolhido Secretário-Geral, ao recordar das reuniões lembra que as discussões se polarizavam entre ele e Astrogildo Pereira, do Grupo Comunista do Rio de Janeiro.

Nestas primeiras reuniões foram aprovadas as condições da Internacional, os estatutos do Partido (que seguiam o modelo do PC argentino), efetuou-se a eleição da Comissão Central e a ampliação de um Comitê já existente para mandar ajuda aos flagelados russos (Bandeira, 2017, p. 472-481). A relação de Nequete com seus companheiros enquanto esteve na Capital Federal foi bastante conflituosa; nos Cadernos de Memória ele informa que muitas coisas o desgostaram, como a falência da tipografia do Partido a cargo de Everardo Dias, os gastos excessivos com aluguéis e a orientação política dos seus companheiros. Por sua vez, Otávio

Brandão, liderança libertária que se aproximou do PCB nesse momento, descreveu posteriormente a Abílio como alguém que lhe causou muito má impressão: um fanfarrão e charlatão, um homem que logo que chegou deu provas de incapacidade, estranhando, por exemplo, que a polícia secreta não andasse como em Porto Alegre, fardada como soldados (Brandão, 1978, p. 243).

Brandão ridicularizou Nequete, dizendo que a União Maximalista não teve papel algum no movimento operário do Rio Grande do Sul e que seu líder nunca fora preso em Porto Alegre (Dulles, 1977, p. 149). Em verdade, seria difícil Otávio Brandão conhecer de perto a atuação de Nequete antes da organização do Partido em 1922, uma vez que até 1919 ele viveu em Alagoas e depois no Rio de Janeiro. Como pode ser visto ao longo de sua trajetória, Nequete foi preso mais de uma vez e os maximalistas tiveram papel importante logo depois de sua fundação, no agitado ano de 1919. O que devemos reter das opiniões conflitantes entre Brandão e Nequete é a dificuldade de relacionamento que o Secretário-Geral tinha com muitos membros do núcleo central do PCB. Quando, em 1923, o Secretário do PC uruguaio pediu à Abílio notícias do movimento comunista brasileiro, esse respondeu

(...) alegando o desaparecimento da tipografia e dos originais confiados a Everardo; o dinheiro dos famintos do Volga que o Astrojildo não remetia ao destino (...) que o mesmo Astrojildo em vez de arranjar os 250.000 réis, conforme prometera, me havia tirado sem pedir; acusei, finalmente, a todos, como anarquistas convictos (Rosito, 1972, p. 13)

Depois da acusação de anarquismo feita aos membros do Partido Comunista do Brasil, a Comissão Executiva do PCB encarregou Octavio Brandão de fazer um relatório sobre a atitude de Nequete, que a esta altura já não era mais o Secretário-Geral. Discutiu-se o assunto e ele foi expulso como traidor. Abílio explicou seu abandono da organização de outra forma: em 1923, desmobilizado com o marasmo no Partido, do qual ele acreditava terem mais culpa os anarquistas aderidos do que a repressão policial, veio-lhe a notícia da derrota eleitoral dos trabalhistas britânicos. Demonstrada a incapacidade de os operários sustentarem um governo, estava dada a prova que os trabalhadores não eram uma classe revolucionária e que por isso tanto a II quanto a III Internacional Socialistas não tinham mais sentido. Esse pode ser considerado o ponto culminante de uma série de outras decepções, mas para explicar o seu processo de afastamento não devemos nos deter no fato episódico de uma derrota eleitoral ocorrida no outro lado do Atlântico, nem no ato de expulsão levado a cabo pelos outros comunistas, mas sim voltar mais atrás, talvez até ao período final das grandes greves.

Certa vez, respondendo a um companheiro que lhe pediu para não ser tão rigoroso, caso contrário ficaria sem gente no Partido, respondeu: “É preferível” (Rosito, 1972, p. 14). E assim foi. Se acompanharmos sua história desde Porto Alegre, veremos que Abílio vai se afastando das organizações operárias: primeiro das associações que atuavam na FORGS, depois do Partido Comunista. Nessa trajetória, marcada a partir de certo ponto por um repúdio visceral contra qualquer coisa que lembrasse o anarquismo, Abílio foi se desgostando com o que encontrava nas associações operárias, fechando assim suas possibilidades de atuação. Basta lembrarmos de sua passagem pelo Uruguai, em que crítica o antimilitarismo e o fechamento nos sindicatos, o que pode ser lido como uma crítica a elementos ligados às práticas anarquistas. A constatação da presença de ideais libertários não era apenas implicância de Nequete: a maior parte dos militantes do novo Partido era oriunda de grupos anarquistas, não houve mudança imediata ao bolchevismo, que de resto era pouco conhecido. A apreciação da Internacional de Moscou sobre o PCB no ano de 1922 é reveladora em relação a isso (Bandeira, 2017, p. 466-467).

Nesse sentido, o antigo líder maximalista também não era “teoricamente coerente”, entretanto as disputas teóricas não devem ser vistas como único motivo das desavenças. Levando em conta a dificuldade de difusão das obras dos revolucionários russos no Brasil, a base intelectual em que a grande maioria dos militantes se apoiava tendia a ser bastante eclética. O fato é que, além de atacar as posições políticas de seus companheiros, Nequete passou também a exigir um comportamento ideal deles e pelo que nos chega de suas próprias memórias, ele era um homem intransigente e de difícil trato. Nesse enfrentamento contra o que considerava contaminações teóricas do anarquismo, nessa busca de um purismo da militância, em que acumulou decepções e ressentimentos, ele vai se isolando, saindo da órbita do comunismo e das associações operárias para seguir em outra direção.

Além destes conflitos internos, talvez devêssemos pensar também no período em que Nequete se afastou das associações operárias como sendo um momento em que a repressão desorganizava e causava baixas consideráveis ao movimento. Diferente do período de expansão e de recrudescimento das lutas operárias no fim dos anos 1910, no início da década seguinte a repressão se tornava mais aguda, as associações recuavam e os espaços para os operários atuarem também diminuía (Bartz, 2017, p. 224-278). O contexto pode explicar, por exemplo, a atitude aparentemente estranha tomada pelos comunistas de prestar apoio ao PRR, na eleição de 1924.

Pelo que indica Edgar Rodrigues no seu livro *Um Século de História Política e Social em Documentos*, o Grupo Comunista de Porto Alegre apoiou o Partido Republicano nas eleições para a Câmara dos Representantes em 1924. Em um manifesto intitulado “A Estreia dos Comunistas no Pleito de Maio”, que teria sido escrita pelo próprio Nequete, procurava-se alistar os eleitores para votar na chapa

republicana, além de justificar o apoio como uma forma de divulgar a doutrina e mobilizar “o melhor elemento republicano” em prol dos presos políticos. O apoio eleitoral ao PRR, pode ser entendida como uma tentativa de conseguir visibilidade em um período de retração do movimento ou isolamento do seu grupo político. Na verdade, há mesmo uma tentativa de expandir a ação dos comunistas para fora do operariado no referido panfleto.

É preciso divulgar a doutrina a fim de não mais inspirarmos horror, não à burguesia como classe, mas a muitos membros que a compõe. A guerra de classes não é uma guerra individual. Os principais membros do partido comunista são de origem burguesa e alguns são de origem aristocrática, como Tschetcherin. Sem o elemento inteligente nenhum partido vencerá. Basta saber definir o operariado: médicos, engenheiros, astrônomos, químicos, militares, artistas e todos os trabalhadores, quer manuais, quer intelectuais, para que se dissipem muitas dúvidas (Rodrigues, 2005, p. 237)¹²

O apoio dos comunistas aos republicanos em maio de 1924 também deve ser colocado em perspectiva. Analisando o jornal do Grupo Comunista de Porto Alegre, em junho daquele ano, não existe nenhuma referência ao pleito ocorrido no mês anterior, sequer o nome de Nequete aparecia em suas páginas, em que surgiam como organizadores Samuel Speisky, H. Schondelmayer e Manoel Pereira (*Martelo e Foice/Hammer und Sichel*. Porto Alegre, 7/6/1924, p. 1). Nesse momento, o PCB local era liderado por Samuel Speisky e procurava organizar os trabalhadores a partir da União dos Ofícios Vários (Peixoto, 2006, p. 59-62). O autor do panfleto já não estava mais entre as fileiras partidárias, mas ainda falava como comunista e dessa forma tentava organizar o apoio ao Governo Estadual. É muito provável que essa ação tenha sido a primeira dissidência na história do PCB, apenas dois anos após sua fundação; também foi o último evento em que Nequete aparece como liderança comunista (agora dissidente). De qualquer forma, isso mostrava seu isolamento e também apontava uma possibilidade de caminho, que iria se concretizar no ano seguinte.

A última participação de Abílio em uma associação operária que se tem notícia se deu em 1925, na Liga de Operários Republicanos (Petersen e Lucas, 1992, p. 303)¹³. Afastando-se das associações que atuavam em torno da FORGS e do PC, suas

12 RODRIGUES, Edgar. Um Século de História Política e Social em Documentos. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005. p.237.

13 Petersen, Sílvia Regina Ferraz e Lucas, Maria Elizabeth. Antologia do Movimento Operário Gaúcho. (1870-1937). Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS/Tché! 1992. p.303.

possibilidades de atuação se reduziram bastante. Descrente com o comunismo e sem espaço de atuação, ele tentará construir um caminho próprio para a mudança social, baseado em uma nova teoria: a doutrina tecnocrática, que acreditava no poder dos técnicos para promover a mudança social no lugar do proletariado. Com a publicação do livro *Technocracia. O V Estado*, Nequete já aponta rumos bastante diversos para a sua militância (Nequete, 1926). Sua trajetória posterior, no entanto, não está mais no escopo de análise desse artigo.

CONCLUSÃO

A trajetória de Abílio de Nequete no movimento operário do Rio Grande do Sul e do Brasil foi bastante significativa para a organização de um grupo que se identificava como comunista e passou a defender o legado da Revolução Russa. A partir de uma aproximação que mobilizava uma identidade étnica e religiosa, a admiração pelos bolchevistas russos foi transformada em um esforço organizativo que resultou na fundação da União Maximalista de Porto Alegre em 1918, na participação ativa na Greve Geral de 1919 e na organização do Congresso Operário do Rio Grande do Sul em 1920.

A constituição do grupo e sua atuação como liderança operária também geraram conflitos no plano local, o que fez com que Nequete buscasse nas articulações internacionais formas de ação mais adequadas aos maximalistas. A relação de Nequete com a Internacional Comunista, através dos militantes uruguaios, conferiu ao Grupo de Porto Alegre um papel de destaque na formação do Partido Comunista do Brasil, em 1922, mas novos conflitos fizeram com que o militante se afastasse em definitivo do PCB a partir de 1924. É difícil fazer um balanço definitivo da trajetória de Nequete, inclusive por conta dos conflitos e contradições que sua atuação ensejou, mas pode-se afirmar que sua ação enquanto liderança política foi fundamental para a constituição dos primeiros grupos comunistas no Brasil.

FONTES JUDICIAIS:

Inquérito Policial Militar n.1432, Foro Federal, Porto Alegre, 1917.

Processo Crime n.1016, maço 66, Cartório do Júri, Porto Alegre, 1919.

PANFLETOS, PERIÓDICOS E MATERIAL DATILOGRAFADO:

Ao Povo. O programa maximalista. Porto Alegre, jan. 1919.

Boletim Protesto. Porto Alegre, jun. 1919.

Carta de Abílio de Nequete ao Comitê Executivo da Internacional Comunista. Montevideu, 1º de fevereiro de 1921.

Do Canhão à Peste: Até que os operários tenham consciência de si próprios... Porto Alegre, 1º de novembro de 1918.

Ao Povo Rio Grandense, Porto Alegre. dez, 1917.

Petersen, Sílvia Regina Ferraz. *Anotações das "Memórias de Abílio de Nequete"*. Datilografado. s/d.

JORNAIS:

A Federação. Porto Alegre, 1903-1928.

Martelo e Foice/Hammer und Sichel. Porto Alegre, 1924.

O Syndicalista. Porto Alegre, 1919.

A Luta. Porto Alegre, 1918.

BIBLIOGRAFIA

Bandeira, Luis Alberto Muniz. (2017[1967]). *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Civilização Brasileira.

Bartz, Frederico Duarte. (2008). Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária. *História Social*, 14/15, 157-173.

Bartz, Frederico Duarte. (2014). *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*, [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Bartz, Frederico Duarte. (2008). *O Horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Bartz, Frederico Duarte. (2017). *O Horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920*. Sulina.

Bodea, Miguel. (1979). *A greve geral de 1917 e as origens do trabalhismo gaúcho: ensaio sobre o pre-ensaio de poder de uma elite política dissidente a nível nacional*. L&pm.

Brandão, Octávio. (1978). *Combates e Batalhas-Memórias*. Alfa-Ômega
O Legado de Francisco Valdomiro Lorentz no Rio Grande do Sul. (2019) Consulado Geral da República Tcheca em São Paulo.

https://www.mzv.cz/saopaulo/pt/cultura_compatriotas_e_educacao/legado_de_francisco_valdomiro_lorenz_no.htm

Del Roio, José Luís. (2017). *A Greve de 1917: os trabalhadores entram em cena*. Alameda.

- Del Roio, Marcos. (2015). A trajetória de Astrojildo Pereira (1890-1965), fundador do PCB. *Novos Rumos*, 52 (1), 1-14.
- Dias, Everardo. (1962). *História das Lutas Sociais no Brasil*. Edaglit.
- Fortes, Alexandre. (2004). *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. EDUCS/Garamond.
- Francisco, Júlio César Bittencourt. (2017). *Dos cedros aos pampas: imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, identidade e assimilação (1890-1949)* [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Francisco, Júlio César Bittencourt. (2017). Do Oriente Médio ao Sul do Brasil: a imigração de sírios e libaneses no Rio Grande do Sul. *Revista do IHGRGS*, 152, 69-96.
- Dulles, John W. Foster. (1977). *Anarquistas e comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Nova Fronteira.
- Hobsbawm, Eric. (2002). *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Companhia das Letras.
- Jeifets, Victor e Jeifets, Lazar. (2014). La Internacional Comunista y la izquierda argentina: primero encuentros y desencuentros. *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, 3 (5), 71-92.
- Kniestedt, Friedrich (GERTZ, René E.). (1989). *Memórias de um Imigrante Anarquista*. Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.
- Lopreato, Christina da Silva Roquette. (2000). *O espírito da revolta, a greve geral anarquista de 1917*. Annablume.
- MARÇAL, João Batista. (1995). *Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha*. Unidade Editorial.
- Mattar, Leila Nesralla. (2010). *A Modernidade de Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais na área do 4º Distrito* [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Moraes, Anne Caroline da Rocha de. (2017). Movimentos subversivos e atentatórios à ordem: uma análise da opinião do Presidente da Estado do Paraná a respeito da Greve Geral de 1917, em Curitiba. *Revista Vernáculo*, 39, 67-86.
- Nequete, Abílio de. (1954). *Extrato Evidentino nº 7*.
- Nequete, Abílio de. (1932). *Ideário Technocrata. Solução definitiva das questões sociais. (conjunto de argumentos doutrinários em defesa da nova idéia)*. Gündlach.
- Nequete, Abílio de. (1926). *Technocracia. O V estado*. Globo.
- Nequete, Edison. (2008). *Herança da Luta de Abílio de Nequete*. Martins Livreiro.
- PEIXOTO, Artur Duarte. (2006). *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no Movimento Operário Gaúcho (1927-1930)* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Petersen, Sílvia Regina Ferraz. (2001). *“Que a união operária seja nossa pátria”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Editora da UFRGS.
- Petersen, Sílvia Regina Ferraz e Lucas, Maria Elizabeth. (1992). *Antologia do Movimento Operário Gaúcho. (1870-1937)*. Editora da Universidade/UFRGS/Tchêl.
- Queiróz, César Augusto Bubolz. (2012). *Estratégias e Identidades: relação entre governo estadual, padrões e trabalhadores nas grandes greves na Primeira República em Porto Alegre (1917/1919)* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ribeiro, Luiz Dario Teixeira. (1989). A ruptura revolucionária na Rússia. En VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. (Org.). *A Revolução soviética/1905-45: o socialismo num só país*. Mercado Aberto.
- RODRIGUES, Edgar. (2005). *Um Século de História Política e Social em Documentos*. Achiamé.
- Rosito, Renata Irene Haas. (1972). *O Pensamento político de Abílio de Nequete* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Schmidt, Benito Bisso. (2001). O Deus do Progresso. A difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História*. 21 (41), 113-126.
- Secco, Lincoln. (2020). *História da União Soviética*. Maria Antônia Edições.
- Silva Jr, Adhemar Lourenço da. (1996). A greve geral de 1917 em Porto Alegre. *Anos 90*, 5, 183-205.
- Silva Jr, Adhemar Lourenço. (1994). *“Povo! Trabalhadores!”: tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917)* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Toledo, Edilene. (2017). Um Ano Extraordinário. Greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. *Estudos Históricos*, 30 (61), 497-517.
- Trujillo, Eduard Esteban Moreno. (2017). *Contextos distantes, ideas compartidas: una historia comparada sobre la apropiación de la ideas de izquierda (Colombia y Brasil: 1886-1930)* [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Trujillo, Eduard Esteban Moreno. (2021). Del rio Magdalena al rio de la Plata: dos casos de circulación y recepción de las ideas de izquierda en las primeras décadas del siglo XX. *Estudios Ibero-Americanos*, 47 (1), 1-19.

Cómo citar: Duarte Bartz, F. (2021). Abílio de Nequete e sua atuação como liderança política durante a formação do movimento comunista brasileiro (1917 - 1924). *Humanitas Hodie*. 4(2). H42a1. <https://doi.org/10.28970/hh.2021.2.a1>